

CAMINHOS E PASSAGENS QUE PODEM SER ABERTOS PELOS LIVROS: diálogos entre a geografia e a literatura no ensino fundamental

Denise Wildner Theves*

Resumo

O presente texto reflete sobre as práticas de interação pedagógica da geografia, no intuito de buscar uma ação docente que traga o cotidiano dos alunos para a sala de aula, superando a fragmentação dos saberes e a mera transmissão do conhecimento, oportunizando, dessa forma, múltiplas aprendizagens. Nesse sentido, o diálogo entre a geografia e a literatura mostrou-se como uma possibilidade que permite refletir sobre a condição humana, ampliar a rede de relações construída pelos alunos, além de aguçar a curiosidade. A metodologia utilizada baseou-se na escuta, na observação e na análise das atividades durante a interação proposta pela prática. Ela foi realizada em duas turmas do Ensino Fundamental, uma de escola particular e outra da rede pública municipal, ambas localizadas em Lajeado. O trabalho desenvolvido e os dados coletados são discutidos e avaliados com base nas reflexões teóricas de Helena Callai, Nestor André Kaercher, Edgar Morin, Nelson Rego, Neiva Schäffer, Antonio Carlos Castrogiovanni, entre outros. A prática pedagógica proposta promoveu o envolvimento dos alunos e possibilitou a constatação de que a geografia escolar pode auxiliar na leitura do mundo de forma plural, contraditória e dinâmica, além de oportunizar a relação dos saberes.

Palavras-chave: Geografia Escolar. Práticas Pedagógicas. Ação Docente. Condição Humana. Leitura do Mundo.

WAYS AND MEANS THAT CAN BE OPEN THROUGH BOOKS: dialog between geography and literature in elementary school

Abstract

The present work thinks over the practices of pedagogical interaction of geography, with the intention to search a teaching action that brings the day by day of the students to the classroom, trying to avoid the fragmentation of the knowledge and the simple transmission of information, optimizing, in this way, multiple learning. Therefore, the dialog between geography and literature was an opportunity to reflect upon the human condition, improving student's relationship, besides arousing their curiosity. The methodology was based on listening, observation and analysis of the practices carried out in two different Elementary School classes, one private and another public, both located in Lajeado. The developed activities and the collected data are discussed and assessed in this dissertation based on the theoretical reflexions of Helena Callai, Nestor A. Kaercher, Edgar Morin, Nelson Rego, Milton Santos, Rosângela D. de Almeida, Elza Passini, Dirce Suertegaray, Neiva Schaffer, Lana Cavalcanti, Antonio C. Castrogiovanni, among others. The pedagogical practices promoted active students involvement and proved that school geography can make a big difference in their "reading of the world" in a plural, contradictory and dynamic form, besides giving the students a chance of creating knowledge links.

Keywords: School Geography. Pedagogical Practices. Teaching Action. Human Condition. Reading of the World.

*Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Centro Universitário Ritter dos Reis. E-mail: denisetheves@itrs.com.br

Buscando caminhos com a Geografia

Não há o que aconteça fora do espaço e nossas ações, sejam quais forem, prescindem dele. Por meio do estudo do espaço, enquanto categoria de análise utilizada pela ciência geográfica, podemos compreender melhor o mundo e a sociedade. No entanto, o que se tem constatado na escola é que os alunos não estabelecem relações entre os conteúdos da geografia e a vida e, por conseguinte, não compreendem os acontecimentos do cotidiano como sendo pertencentes aos conhecimentos geográficos. É como se a vida e os conhecimentos que formulam com base em suas vivências fossem uma coisa e o que se estuda com a geografia escolar fosse outra, como se o espaço geográfico ficasse fora do dia a dia, do mundo real. Não há um tensionamento entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento científico.

Todos têm uma existência que acontece no espaço, mas a geografia escolar é trabalhada como algo distante, fora do contexto da vida dos alunos. Muitas vezes, fica restrita a um amontoado de assuntos, partes de espaço, sem interligação e, por isso, de difícil compreensão. Além disso, a metodologia de trabalho utilizada pelo professor é baseada na mera transmissão de informações e descrição de lugares. Callai (1998) descreve esta geografia como sendo

[...] aquela geografia que mostra um panorama da terra e do homem, fazendo uma catalogação enciclopédica e artificial, em que o espaço considerado e ensinado é fracionado e parcial, e onde o aluno é um ser neutro, sem vida, sem cultura e sem história (CALLAI, 1998, p. 56).

Nessa geografia, cabe ao professor transmitir o maior número de informações para que o aluno as acumule, semelhante ao que acontecia na educação bancária descrita por Paulo Freire (2005). Nessa metodologia, o que vai sendo apresentado pelo professor parece ser algo linear, pronto e acabado. Desse modo, a dinamicidade do processo de construção do espaço, que é fundamental, não pode ser compreendida pelo aluno.

Enquanto professora, busco uma ação docente que traga o dia a dia dos alunos para a sala de aula, que supere a fragmentação e a transmissão do conhecimento, oportunizando múltiplas aprendizagens. Considero que na escola precisamos aprender a vida, refletindo e compreendendo nossa condição humana. Isso é possível se constituirmos um espaço pedagógico que instaure ligações entre o afetivo e o intelectual, e, para essa ligação, é indispensável o papel do professor.

Concordo com Kaercher (2002) que, ao discutir alternativas para a prática pedagógica, propõe não apenas renovar, mas

[...] romper com a visão cristalizada e monótona da geografia como a ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares, sem permitir que o aluno perceba qual a importância do espaço na constituição de sua individualidade e da(s) sociedade(s) em que ele faz parte (escola, família, cidade, país etc.) (KAERCHER, 2002, p. 49).

Ao mesmo tempo, vivemos num mundo complexo e interligado, novas informações nos chegam e nos fazem, a toda hora, mudar de planos e conviver com incertezas. Nesse contexto, ao invés de ensinar certezas e conhecimentos que parecem únicos e absolutos, podemos estabelecer um diálogo com o mundo e com os outros por intermédio de propostas que desafiem os alunos a ler, a escrever e a dizer a sua palavra, estabelecendo ligações entre os saberes para que possam desenvolver modos de pensar mais complexos. Assim, possibilitar um pensamento não fragmentado, na busca incessante de nós mesmos por meio de nossa subjetividade, na relação com tudo e todos que nos rodeiam, coloca-se como desafio.

Nesse sentido, a geografia se coloca como um campo de saber que pode estabelecer um exercício de reflexão ontológica, pois com a análise da sociedade estaremos discutindo o nosso pertencimento ao mundo, ou seja, nossa condição humana que se materializa no espaço.

Transformando temas da vida e do cotidiano em possibilidade de compreensão do mundo, estaremos oportunizando momentos de aprendizagem em que se estabelecem ligações entre o que o aluno já sabia e a ampliação desses conhecimentos, incorporando-os ao seu dia a dia. O processo de trocas e interações que se cria permite ao aluno e ao professor conhecerem mais a si mesmos e aos outros.

A escola, espaço privilegiado para educar a intersubjetividade, pode ser também o espaço onde a geografia supera a disciplinaridade coisificante para se converter na produção de saberes que façam da transformação do espaço vivido o objeto catalisador de pensamentos e ações dos educandos (REFFATTI; REGO, 2008, p. 38).

A prática pedagógica, nesse contexto, implica em outra maneira de se relacionar com a realidade, com os outros e consigo mesmo, é, portanto, nosso olhar e sentir colocado sobre o mundo, sobre as coisas e sobre os alunos que convém interrogar. É nessa perspectiva que se insere o estudo relatado neste texto, sendo este parte integrante da pesquisa desenvolvida em 2008 e 2009, que investigou a prática docente na mediação com os alunos no ensino de geografia, utilizando como recorte para a pesquisa empírica a aplicação de práticas

pedagógicas junto a duas turmas de alunos do Ensino Fundamental, uma de escola particular e outra de escola pública municipal, instituições onde atuava e atuo como professora.

O objetivo da pesquisa era refletir sobre a interação pedagógica por meio da análise das práticas de geografia desenvolvidas, as confrontando com reflexões teóricas, a fim de fortalecer e transformar essa experiência em conhecimento. Buscava compreender como a geografia escolar pode auxiliar os alunos na leitura do mundo de forma plural, contraditória e dinâmica. Plural porque se refere a várias possibilidades, não a uma única, exclusiva; contraditória, pois envolve diferentes posições; dinâmica por indicar movimentos, atividades e mudanças.

A metodologia utilizada baseou-se na escuta, na observação dos alunos e na análise dos seus trabalhos durante as práticas desenvolvidas. Antes de abordar uma das práticas realizadas, considero importante apresentar alguns dados que se referem ao *corpus* da pesquisa, características que contextualizam as falas dos alunos, descritas a seguir.

A duas escolas que participaram da pesquisa são de Lajeado, um município situado à margem direita do Rio Taquari, na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, a 117 km de Porto Alegre. A escola que doravante será denominada de 1 - tem sede no Bairro Centro e a escola denominada de 2, no Bairro Centenário.

A *escola 1* foi fundada em 1892, por iniciativa de um grupo de famílias da Comunidade Evangélica. Trata-se de uma escola comunitária, de confissão luterana, mantida pela Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Lajeado. Contava, na época, com cerca de 820 alunos, oriundos de toda a região do Vale do Taquari. A estrutura curricular era organizada por séries e, a partir da 4ª série (hoje 5ºano/série) do Ensino Fundamental, distribuída por componentes curriculares.

A *escola 2* é mantida pela Prefeitura Municipal de Lajeado e está situada no Bairro Centenário, um bairro típico de classe média baixa. Foi fundada no dia 26 de janeiro de 1991. Tem sua organização curricular estruturada em Ciclos de Formação e nela estudavam, no desenvolvimento da pesquisa, cerca de 350 alunos.

Na *escola 1* participaram 28 alunos, integrantes da turma da 6ª. Série B, do turno da manhã. Na *escola 2* participaram 19 alunos de uma turma da I etapa do Terceiro Ciclo, do turno da manhã.

As vivências dos alunos da *escola 1* e da *escola 2* são diferentes em vários aspectos, advindos principalmente da classe social e do contexto econômico em que se inserem, assim as geografias cotidianas vão se constituindo com significativas diferenças, porém este

trabalho não tinha o intuito de estabelecer comparações entre os alunos e sim refletir sobre as interações nas práticas desenvolvidas.

Era uma vez... Na aula de geografia?

O modo como as disciplinas escolares estão estruturadas acaba por isolar os objetos do seu meio e separar as partes de um tudo. Ao eliminar a desordem e as contradições existentes, como se isso fosse possível, tem-se uma falsa impressão de arrumação.

Com o intuito de estabelecer as correlações entre os saberes, a fim de dar-lhes sentido, perceber a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem, utilizei uma prática indicada tanto por Castrogiovani (2003, p. 167) como por Kaercher (2007, p. 30-33). Esta consistia em escolher um livro de literatura que foi lido e que foi marcante.

A intenção, ao propor a atividade, era aproximar a geografia do cotidiano dos alunos, surpreendê-los e provocá-los para perceberem como linguagens que parecem ser distantes estão interligadas. Nessa perspectiva, a geografia vale-se da literatura para refletir sobre a condição humana e aguçar a curiosidade. Assim, buscamos considerar a literatura do ponto de vista das experiências humanas, considerando as obras literárias

[...] Como experiências de vida que podem contribuir, especialmente para o adolescente em busca de si mesmo, com uma autoconsciência, uma consciência de si, da relação com o outro, de suas próprias paixões, dos próprios movimentos de sua alma... e ao mesmo tempo [...] para a inserção do indivíduo num mundo, numa sociedade (MORIN, 2002, p. 353).

Para o desenvolvimento dessa proposta, organizamos um calendário em que, a cada semana, um aluno faria o relato de um livro de literatura marcante em sua vida. Ao fazerem os relatos sobre as leituras, os alunos eram questionados sobre os motivos de o livro ter sido marcante e o que diriam para convencerem os colegas a fazer a mesma leitura, ou seja, fariam uma propaganda do livro estimulando a sua leitura. Também eram realizados questionamentos em relação aos assuntos tratados nas narrativas buscando relacioná-los à geografia: qual era o lugar em que a história transcorria e que visão de grupos sociais era apresentada ao longo da obra.

Os objetivos eram fazer com que os alunos trouxessem assuntos de seu interesse, dissessem sua palavra e, através por meio da literatura, fossem feitas leituras de mundo, estabelecendo diálogos entre professora-alunos-mundo. Essa atividade oportunizou significativamente a oralização das ideias por parte dos alunos. Nesse sentido, Kaercher

(1998) chama a atenção: “Ler, escrever e falar em público é tarefa ontológica, intrínseca, eterna da escola, de todos nós educadores. Trata-se de tarefas fundamentais para prepará-los para a vida.” (KAERCHER, 1998, p. 14).

Um poema escrito por um dos alunos da 5ª série da *escola 1* - traduz os caminhos que podem ser abertos pelos livros.

Livros são caminhos
para um novo mundo,
que pode ser
bem profundo.
Os livros são
passagens
para suas viagens
Eles podem fazer você imaginar
e seus pensamentos vão voar.
Podem ser engraçados
Ou até horrorosos,
mas de ler
eles são gostosos.
Podem ser avulsos
ou coleção
livros por aí fora,
é o que tem de montão
Pode ser pequeno,
pode ser grandão
o que importa é ler,
com atenção.
Não importa se é,
para homem ou para mulher,
o importante é ler,
o que gosta e o que quer.
Não importa se é para adulto
ou para criança, o importante
é ler o que lhe traz boas
lembranças e esperanças.
Agora corra para a livraria
compre um livro
e leia com alegria (ROTARY, 2008, p.26).

Os versos acima são uma referência às inúmeras possibilidades e encontros que a literatura permite. Os alunos que uma vez sentiram esse gosto de aventura, esse poder de viajar pelo infinito com as páginas de uma boa leitura, terão sempre a sua disposição uma infinidade de mundos. Com base nessa experiência, individual e única, a leitura deixa de ser uma atividade escolar para tornar-se algo do cotidiano, tão necessária e tão natural quanto alimentar-se.

Na *escola 1*, a maioria dos livros relatados foi adquirida pelos alunos ou recebida de presente. Ao lançar a proposta, percebi, inicialmente, certo estranhamento expresso pela pergunta: “o que a leitura tem a ver com geografia?”.

Já contava com essa reação, pois na escola trabalhamos com os saberes separados, compartimentados. Eles não são reunidos e ligados uns aos outros: ler é para português, desenhar é para artes etc. Além disso, muitas vezes, há uma excessiva preocupação com a quantidade de conteúdos em detrimento das aprendizagens. A esse respeito, Petraglia (1995) afirma:

o currículo escolar é mínimo e fragmentado. Na maioria das vezes, peca tanto quantitativa como qualitativamente. Não oferece, através de suas disciplinas, a visão do todo, do curso e do conhecimento uno, nem favorece a comunicação e o diálogo entre os saberes. [...] A necessidade das relações das partes que integralizam o todo se dá a partir da complexidade que se explica pelos múltiplos aspectos influentes no processo de pensar. O pensamento não é estático, indica movimento; e é este ir e vir que permite a criação e com ela a elaboração do conhecimento. É o que justifica o rompimento do sujeito com o pensamento linear e reducionista presente no paradigma da simplicidade, privilegiando na atualidade, o paradigma da complexidade (PETRAGLIA, 1995, p. 69).

Ao encaminhar essa atividade, buscava alcançar o ideal proposto por Schäffer (2005), quando, ao abordar o planejamento da geografia em sala de aula, salienta que o conteúdo

precisa ser planejado de tal ordem que, junto aos de outras disciplinas, ofereça as condições para que cada aluno compreenda a espacialidade das práticas sociais e para que desenvolva a autonomia do conhecimento, isto é, as ferramentas para que possa seguir aprendendo ao longo de sua vida (SCHÄFFER, 2005, p. 150).

Ninguém queria ser o primeiro a apresentar sua leitura, mas, à medida que alguns foram manifestando-se, aqueles alunos mais temerosos também se motivaram a escolher a data em que contariam seu livro. Não transcrevo os relatos e as discussões de todos os livros apresentados em função do volume de falas e comentários. Trago para esse texto somente alguns daqueles que considere mais significativos para a análise.

Na *escola 1*, vários alunos trouxeram os livros de uma coleção da Editora Fundamento, denominada *Goosebumps*. No primeiro relato de fala e observações dos alunos agrupei os debates em torno dos títulos desta coleção.

Muitos alunos disseram ter lido alguma história da coleção, influenciados pelos relatos feitos por colegas durante as aulas. O aluno Ed¹, para convencer os outros a ler, utilizou como estratégia um ar de surpresa e mistério ao contar e conseguiu deixá-los muito encantados: todos os alunos demonstraram estar com ele, junto no relato da história. O livro tinha como título *O Lobisomen do pântano da febre* e faz parte da coleção citada anteriormente.

Ro comenta - Tinha um programa na FOX (TV por assinatura) que mostrava episódios dos livros desta coleção. Olhei todos os episódios.

Pe acrescenta - É mesmo, tem episódios desse livro que apareciam na Fox Kids às 22 horas.

Prof. (Questiono) Ainda passam na TV. Os alunos dizem que não.

Pe (explica) - Faz 5 anos que passava. Hoje esse canal é Jetix e não passa mais este programa.

Prof. (Questiono) - Os livros já existiam.

Al - (Respondem) Não.

Rw trouxe um livro da mesma coleção, intitulado *Sorria e Morra outra vez*.

Rw - (comenta): Ao longo da história, o livro vai ficando emocionante. A história fala da diferença de tempo entre os acontecimentos, as fotos tiradas revelavam o que vai acontecer. Tem um mistério nessa história e o livro dá uns sustos!

Dan conta que tem o primeiro livro desta coleção, *Acampamento Fantasma*, e a capa é diferente dos outros e desse em nova edição. Agora todas as capas têm um padrão! Ele conta os detalhes das capas.

Dan - (que também já leu o livro comenta) tem uma mistura entre fantasia e realidade. É ficção, mas em lugares que poderiam ser reais, inclusive acontecer com nós. Não dá vontade de parar de ler!

Ni - Também já li esse livro e no livro conta onde a casa fica na imaginação! Fiquei com medo de achar essa máquina fotográfica que marca quem vai desaparecer!

Ed narra uma história da mesma coleção, chamada *Bem-vindo à casa dos Mortos*. É surpreendente o relato que ele faz. Trata-se de um aluno bastante tímido que dificilmente manifesta-se durante as aulas. Ele vem para frente da sala e envolve-se no relato de maneira

¹Para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos na atividade, irei transcrever as suas falas identificando cada aluno com as letras iniciais do seu nome. Quando a fala se referir a um grupo, será precedida pelas letras Al. Ao fazer questionamentos diretamente aos alunos durante suas falas utilizo a abreviatura Prof.

surpreendente. Ri intensamente ao contar partes engraçadas. Vários colegas perguntam fatos da história relatada por ele.

Ce – (comenta) Eu também vou ler este livro. Adorei a história.

Finalizando o relato, **Ed** pega o livro e mostra as páginas finais e comenta:

Ed - No fim do livro eles colocam umas 10 páginas de outro livro da coleção, um início da próxima história! Assim a gente fica com vontade de ler o outro também.

Ce (protesta): Gente esperta esse pessoal! É uma jogada de marketing.

Todos riem de seus protestos. Um colega questiona como **Ed** escolheu este livro e ele conta:

Ed - Pesquisei na internet sugestões de livros bons para ler. Aí achei legal a capa e o título deste livro. Fiquei com vontade de ler.

Dan - Tem um livro dessa coleção que nunca consigo comprar! Ela sempre esgota antes de eu chegar! (Em várias aulas volta a relatar fatos das histórias que lê dessa coleção.) Fui para POA e entrei em várias livrarias procurando os livros da coleção que ainda não tenho!

Ar e **Br** contam como é feita essa coleção. Questiono se há vários livros. **Ar** explica que sim e que entrou no site da editora e participou de um concurso para escrever uma história que aconteceu consigo.

Ro (pergunta) - Qual história tu escreveu?

Ar - Inventei uma. Eu gosto dessas histórias porque eu gosto de aventura.

Th relata o livro *Sangue do Monstro*, também da coleção Goosebumps. Coloca-se na frente dos colegas, nas mãos tem um resumo escrito, dobrado, que nem chega a abrir, mas o segura firmemente. É um aluno muito tímido. Seu relato é maravilhoso porque, à medida que vai contando a história, vai ficando menos tenso e a timidez parece desaparecer. Vai demonstrando intimidade com a narrativa e leva os colegas a também envolverem-se, fazendo com que demonstrem certo espanto de ver o colega, que é quieto, tão solto, contando uma história. Demonstra muito envolvimento e emoção com a história.

Ce (faz muitas perguntas) - Por que escolheste este livro?

Th (responde) - Achei legal pela capa e o que li atrás da capa.

Muitos colegas fazem perguntas sobre a história e curiosidades que ela despertou.

Th (ao fazer a propaganda do livro diz) - Prá quem gosta de mistério, este livro é ótimo.

Ge (acrescenta) - Gosto desse livro porque leio tudo em um dia para saber o final.

Da - Olhei na internet e descobri que tem vários deles que ainda nem foram traduzidos.

Os relatos e os questionamentos feitos durante as apresentações revelam o quanto a curiosidade e a imaginação envolveram os alunos na proposta de trabalho. A atividade demonstrou que mesmo o espaço, campo tradicional da geografia, pode exprimir-se na literatura como um pano de fundo para que os alunos reflitam sobre uma série de questões. Além disso, a proposta oportunizou um espaço para a expressão dos alunos, valorizando a prática oral.

A relação entre geografia e literatura pode ser pensada pela categoria espaço. Todas as personagens presentes nas histórias relatadas inseriam-se em um estar-no-mundo, mesmo que imaginário. E o estar-no-mundo é ser-no-mundo, assim, o espaço se faz ontológico. Nesse sentido Moreira (2007) esclarece:

A literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade. Nela a trama da experiência de espaço-tempo da geograficidade aparece na forma direta e imediata das significações, grafada no imaginário e na linguagem do personagem (MOREIRA, 2007, p.158).

Os relatos apresentados refletem a percepção desses leitores no que se refere a sua condição humana: os medos, as fantasias, os desafios a enfrentar, as possíveis soluções... Considerando que esses alunos estão deixando a infância e ingressando no universo adolescente, essa percepção se torna ainda mais importante, de modo que ela não pode ser esquecida pela educação.

[...] uma das finalidades da educação é permitir a cada um ter consciência de sua condição humana, situando-a em seu mundo físico, em seu mundo biológico, em seu mundo histórico, em seu mundo social, a fim de que tal condição possa ser assumida (MORIN, 2002, p. 199).

CI apresenta a leitura de: *Galeras, paqueras e pequenos pecados*, a autoria é de Cathy Hopkins.

Ci - O livro conta a história de cinco amigas que resolvem colocar *piersen* escondido dos pais, em sinal de um pacto de amizade. Relata situações com problema de alcoolismo, andar nas ruas e vai contando a vida de uma adolescente.

Questionada se conhece pessoas que vivem dessa maneira, diz que sim e que os acontecimentos relatados na obra poderiam ser de qualquer cidade do mundo e envolver pessoas conhecidas.

Morin (2002), ao escrever a introdução de uma das jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por ele, intitulada A Humanidade, afirma: “O ensino tem o dever de integrar essa abertura da reflexão, em consideração dos adolescentes que têm diante de si sua própria vida a enfrentar” (MORIN, 2002, p. 200). Podemos conhecer-nos por meio da literatura, pois ela fala profundamente de nós mesmos e retrata a vida de maneira dinâmica. Talvez resida nesse aspecto o encantamento que a ficção pode provocar.

Entrecruzando olhares e sensações entre a literatura e a geografia, podemos construir compreensões sobre a complexidade da vida e das práticas sociais, com modos de pensar abertos e livres, a fim de enfrentar os desafios de nossa época. Para isso, é importante percebermos que toda formação é uma construção.

[...] O espaço e as próprias percepções e concepções sobre ele são construídos na prática social. Portanto, a consciência do espaço, ou a consciência da “geografia” do mundo, deve ser construída no decurso da formação humana, incluindo aí a formação escolar (CAVALCANTI, 1998, p. 24).

At trouxe o livro *Os Lusíadas*, de Luis de Camões, adaptado por Edson Braga. O relato envolveu a todos de maneira significativa. **Ar** comentou que esse não é o livro original, trata-se de uma história recontada e que o pai comentou com ele sobre o original, que leu quando era adolescente. Ao dizer os motivos de trazer o livro, afirma que achou interessante porque a narrativa conta coisas que estão sendo estudadas na disciplina de história. E ainda, que ele mistura uma coisa que aconteceu (fato histórico) com os mitos.

Ed comenta que já leu toda essa coleção e que as histórias são muito interessantes. Percebo **At** utilizando esta obra como forma de ligação dos saberes ao relacionar o fato histórico com a mitologia e com a geografia.

Fa apresenta o livro *Admirável mundo louco*, de Ruth Rocha, destacando a história *Quando a escola é de vidro*. O relato, as ilustrações e os questionamentos provocaram um

intenso debate sobre as questões espaciais, de como as pessoas agem transformando o espaço e o quanto ele pode influenciar o comportamento e os modos de agir.

Relacionando as informações da ficção ao mundo cotidiano de nossos alunos, por meio dos elementos espaciais, sejam eles concretos ou imaginários, podemos entender melhor o mundo em que vivemos. O espaço é um elemento fundamental da existência, sendo transformado para que a vida possa acontecer. Essa transformação e essa construção do espaço nos constituem, nos formam e transformam enquanto indivíduos e sociedade.

Usar a palavra e, sobretudo, o sentido do fazer e do transformar o espaço ajuda a compreender o quanto essa transformação e construção do espaço nos influenciam e se reflete em nós. À medida que o espaço é modificado, modificam-se também as pessoas que dele fazem parte.

O aluno **Fr** falou do livro *Tipo assim*, Clarice Bean. A autora é Lauren Child.

Fr - Minha prima indicou o livro. Ele não é cansativo de ler. A história se passa em uma escola. O interessante é que tem coisas escritas dentro das imagens. Isso chama a atenção. Mistura letras de diferentes formatos e tamanhos.

Os colegas pedem para olhar mais de perto. Observam com interesse, é impressionante como as imagens chamam a atenção. Atraem a atenção por expressarem com a linguagem visual, que é diferente da palavra escrita, ideias sobre a história. O interesse dos alunos pelo livro é geral, todos querem olhar mais de perto, inclusive eu. Transcrevo a seguir algumas das falas que aconteceram.

Ag - Como esse negócio de letra diferente chama a atenção!

Lu - A gente olha tudo isso primeiro e depois começa a ler.

An - É porque é diferente do comum.

Ro - Os desenhos que tem também fazem isso. Às vezes a gente escolhe um livro pelos desenhos da capa.

Ju - É porque é uma coisa que de cara a gente enxerga.

Ed - Chama a atenção e a gente fica curioso.

Questiono - E faz pensar?

Rd - Claro que sim e ainda a gente imagina várias coisas, principalmente se ainda não lemos a história.

As imagens e os desenhos trazem para os alunos a possibilidade de observar, interpretar e criar suas ideias sobre a história. Eles também convidam a imaginar. A linguagem veiculada pelas imagens dialoga diretamente com o jovem, ela está presente no seu

cotidiano, por isso mostra-se como uma importante ferramenta para o ensino de geografia. Alves (2004) descreve essa magia provocada pelas imagens:

Meu pensamento é um devorador de imagens. Quando uma boa imagem me aparece, rio de felicidade e meu pensador se põe a brincar com ela como um menino brinca com uma bola. [...] Amo as imagens, mas elas me amedrontam. Imagens são entidades incontroláveis que freqüentemente produzem associações que o autor não autorizou. Os conceitos, ao contrário, são bem-comportados, pássaros engaiolados. As imagens são pássaros em vôo... Daí seu fascínio e perigo (ALVES, 2004, p. 67).

A aluna **Lu**, muito emocionada, relata o livro *Mau começo* – 1º. Livro da coleção Desventuras em série, de Lemony Snicket.

Lu - Este livro faz parte de uma coleção de três. E os três são contados em um filme que tem outro nome. Já olhei o filme, mas os livros são melhores. As histórias continuam nos próximos livros, aí tem que continuar lendo. Conta coisas de vida, do dia a dia, misturado com fantasia.

O cinema e a literatura, cada um a sua maneira, mostram-se como possibilidades para apreender as condutas humanas. Morin (2002) destaca:

[...] a literatura, poesia, o cinema, as artes não são coisas que devem ser estudadas e até mesmo dissecadas unicamente de maneira formal, exterior. São também coisas que nos falam profundamente de nós mesmos. Os adolescentes adquirem o conhecimento de si mesmos, de seus sentimentos, de suas verdades, de sua ética profunda por meio dos livros, dos romances ou dos filmes (MORIN, 2002, p. 270).

Enquanto professora de geografia, desejo que os alunos possam falar e refletir sobre si mesmos, suas vivências e seu cotidiano para que nesse processo desenvolvam possibilidades de estabelecer trocas e ajuda mútua entre os colegas. Abrir espaços de fala e escuta nas aulas de geografia pode oportunizar momentos de reflexão e discussão sobre as práticas do dia a dia, materializadas nos espaços.

Nas apresentações, notei uma intensa comunicação entre o afetivo e o intelectual, aspecto que é ressaltado nos comentários que traduzem as relações estabelecidas. Os alunos não estavam apenas apresentando um livro e narrando uma história estranha, desconhecida. Ao mencionar a vida das personagens e suas aventuras, cada um falava também de si mesmo, do seu olhar intelectual e afetivo sobre a história, provocando relações que ultrapassam o conhecimento geográfico.

As relações de identidade que criamos sobre nós mesmos e o mundo são fabricadas multidimensionalmente pelas referências afetivas, imaginárias e representativas que temos em relação a nós mesmos e em relação ao nosso próximo. Referências que se justapõem, fabricando assim uma compreensão e uma inteligibilidade que orientam o nosso processo auto-referencial contínuo: ser, pensar e sentir fundam uma unidade dialógica, tecida por uma multidão de fios da complexidade subjetiva e da complexidade de compreensão do mundo real (VEGA; STROH, 1999, p. 182-183).

Na escola 2, os livros relatados, na maior parte, foram retirados da biblioteca escolar. Ao propor a atividade, percebo um ar de desconfiança por parte dos alunos. Parecem com o olhar, questionar: “Isto é geografia”? Abro um espaço de escuta a fim de ouvir o que tem a dizer:

Ro - Profe, isso é geografia?

Lu - O que um livro de histórias tem a ver com as aulas de geografia?

Fe - Leitura é coisa da aula de português!

Ni - Não vai ter uma lista de leitura obrigatória?

Ju - Acho que vai ser interessante, mas achei que não se fizesse isso nas aulas de geografia.

Digo-lhes que quero experimentar esta ideia com eles e vou questionando:

Prof. - Os livros contam histórias, certo?

Ag - É, algumas são verdadeiras, mas a maioria foi inventada!

Prof. - As histórias dos livros são de que?

Na - De coisas que acontecem ou poderiam acontecer com as pessoas, animais...

Pd - Mistérios, aventuras...

Ro - Problemas que precisam ser enfrentados, resolvidos.

Fe - Num livro, quem escreve pode inventar muito, se quiser.

Prof. - Acontecem onde?

Rn - Em lugares de verdade ou imaginários.

Explico-lhes que vamos usar as histórias dos livros para pensar na nossa vida, nos nossos sentimentos, aventuras, mistérios, dificuldades, problemas etc. E refletir também sobre como os acontecimentos se misturam com os lugares. Digo-lhes que quero provocá-los no sentido de buscarmos outras possibilidades de trabalho e que, ao mesmo tempo, fiquem instigados em sua curiosidade e imaginação.

Ag - Acho que vai ser diferente e divertido!

Como professora, quero fazer da aula de geografia algo estimulante no sentido de despertar a curiosidade e a imaginação, tão esquecidas na escola. Quero que a geografia estabeleça relações com a vida e não trabalhe apenas com dados e informações desconectados. Além disso, quero que provoque surpresas e desafios nos alunos e em mim, motivando a busca por possibilidades de práticas que possam religar saberes, diversificar formas de expressão e linguagens. Dantas (2004) auxilia-me a expressar esse pensamento ao escrever:

Ciência, arte e literatura são campos de complexificação do real. Semeiam e são semeados pelos labirintos da razão e imaginação, das imagens e das palavras. Longe da simplificação e do equilíbrio, nelas pulsam as reservas do *sapiens-demens*, seus desejos, antagonismos, contradições e complementaridades. A geografia, como escrita complexa da Terra, escreve o seu “catálogo de memórias” dialogando com as linhas finas da imagem e da imaginação que alimentam a condição humana (DANTAS, 2004, p. 251).

A aluna Jô se emociona ao contar a história Depois que você morreu:

Jô - É a história de uma menina que perdeu a mãe e tudo o que acontecia na sua vida ela relatava escrevendo cartas.

Segundo a aluna, o livro a marcou profundamente e ela se interessou muito pela história. O relato gerou uma discussão em que muitos se envolveram trazendo considerações sobre como seria perder os pais.

Ma - Eu sentiria mais perder minha irmã!

A discussão fez com que os alunos que pouco se manifestam durante as aulas, participassem de maneira intensa. A situação de abandono tocou-lhes profundamente e falar sobre isso pareceu ser um caminho para refletir sobre a sua vida. Trazem vários exemplos de crianças cujos pais se separaram. Alguns falam de suas próprias situações de separação na família. Para muitos, é algo corriqueiro, havendo, inclusive, casos de separações sucessivas. Outros se referem à situação como algo doloroso, mas que preferem assim a continuar vendo seus pais brigarem.

A aluna De, seguindo nosso roteiro de apresentação conta *Garotas: Amigo virtual*.

De - É a história de uma menina que conheceu um amigo virtual pela internet. Mentiu a idade e acabou se metendo em muita confusão por isso.

Escolhi este livro, pois dá uma lição de vida e é algo que pode acontecer com a gente!

Com essa prática, percebo os alunos buscando possibilidades para compreender melhor a natureza humana em geral, estabelecendo relações com as experiências dos outros, trazendo-as como contraponto às situações vividas por eles, seus sentimentos de pertencimento ao lugar, seus desafios, suas dificuldades, seus sonhos, seus desejos.

Quando lemos, pensamos o eu, o nós e o outro, pois o conhecimento, as opiniões, as imagens e os sentimentos refletidos na escrita são informações que se manifestam na sociedade. E ao mesmo tempo em que leio e penso, sinto, de modo que o texto não me é indiferente. Para Vicent (2002),

a escola não pode ir contra o humano, ela deve ser uma escola de sentimentos. Eu defendo o prazer, é claro, mas mais do que isso, defendo a totalidade das emoções. São elas que permitem o reconhecimento do outro. Processos que se opõem encontram-se no centro das paixões (VICENT, 2002, p. 184).

Br apresenta *O Caminho para o Vale Perdido*, de Patrícia Engel Secco. Destaca que o livro marcou porque fala do lixo, um problema do mundo atual. Além da história, no final do livro há dicas de como reciclar o lixo.

Br - A história é de um rato que morava em um lixão e lá encontra um livro que é um manual de reciclagem.

A aluna **Le** mostra e relata o livro *O aprendiz de feiticeiro*, integrante da Coleção *Conte Outra vez*, Xuxa. Ela faz um relato envolvente. O silêncio do grupo é total, percebe-se a atenção a todos os detalhes. O silêncio aponta o envolvimento do grupo no relato da colega. Muitas vezes, o clima de silêncio em aula é visto como uma qualidade do professor, como sinal de domínio da turma, de limites, o que também não significa necessariamente que está acontecendo aprendizagem. No dia a dia da sala de aula, a atenção depende diretamente do grau de envolvimento do aluno.

O aluno **Je** trouxe o livro *Tá faltando um dedo*. Os colegas pedem para olhar as figuras. Ele faz uma propaganda do livro aos colegas imitando um comercial da RBS e acrescenta:

Je - O guri dessa história tem a ver comigo, é teimoso como eu!

Enquanto professores, buscamos criar possibilidades para um ambiente em que ocorram aprendizagens e mais do que isso, queremos os alunos efetivamente envolvidos por inteiro nas práticas pedagógicas propostas. Queremos que tragam seus sentimentos e emoções para a sala de aula. E que haja espaço para elas.

Graça e sedução parecem um par perfeito que nos fascina e são nossos aliados no processo que envolve a aprendizagem. Tão buscados e nem sempre alcançados ou possíveis. Por quê? Talvez por conta de trabalharmos com os conhecimentos separados, sem estabelecer ligações entre eles, sem transitar pelos múltiplos saberes.

O conhecimento está naturalmente ligado à vida, fazendo parte da existência humana. Assim, todo o conhecimento abrange características individuais, existenciais e subjetivas, norteadas pela emoção, além das características objetivas norteadas pela razão. A sala de aula pode ser um espaço múltiplo entre a razão e a emoção.

A aluna **Ma**, muito envolvida com a história, apresenta *Mania de explicação*, da autora Adriana Falcão. Afirma que a história a marcou porque se identificou com a menina: também quer explicar tudo e, segundo a mãe, ela é como a personagem.

Ao longo da prática proposta, constatei que os alunos querem conhecer mais e refletir sobre si mesmos. Nas atividades da sala de aula comumente oferecidas pela geografia, nem sempre esses momentos são oportunizados porque, muitas vezes, busca-se a mera transmissão de informações a fim de dar conta de uma listagem de conteúdos predeterminados.

Por intermédio das histórias lidas por esses alunos, abrem-se possibilidades de trabalharmos com a imaginação. Nesse sentido, a linguagem poética oferece múltiplos caminhos. A aluna **Va** afirma:

Va - Eu gosto muito de poesias, por isso retirei o Livro Jovens poetas de Lajeado, ano 2007, na biblioteca e escolhi uma poesia para ler pra vocês.

COISAS DA VIDA

Se alguém chegar pra você e perguntar:

“Você viveu?”

Diga: “Sim eu vivi porque a vida é curta”

Se alguém chegar pra você e perguntar:

“Você sofreu?”

Diga: “Sim, eu sofri porque quem ama sofre.”

Se alguém chegar pra você e perguntar:

“Você perdeu?”

Diga: “Sim, perdi, mas não a esperança.”

Se alguém chegar pra você e perguntar:

“Você amou?”

Diga: "Sim, eu amei, vivi, sofri e perdi,
Mas não a esperança
De um dia ser feliz."

O tema do poema que a aluna trouxe é a vida numa mistura de sentimentos. A colega apresentou possibilidade de levar-nos também à dimensão poética da existência humana. Questiono-a sobre o motivo de ter escolhido esta poesia e ela diz:

Va - Primeiro foi uma menina que escreveu, ela tem a idade próxima da minha. Além disso, a poesia fala de alguém perguntando a alguém sobre a vida que foi ou está sendo vivida, se houve sofrimentos, sobre as perdas, sobre o amor e sobre a esperança de felicidade. Acho que a vida da gente tem tudo isso!

Percebo a aluna estabelecendo profundas relações entre o tema do texto e a vida pessoal. Com a poesia ela pôde apresentar também as suas preocupações e questionamentos pessoais. Quando ela encerra a apresentação, o livro circula entre a turma e eles leem diferentes poesias. Criou-se a possibilidade da aula ser um espaço para falar de si próprio e de seus sentimentos por meio da poesia.

A seguir, transcrevo algumas das manifestações dos alunos sobre o que dizem ter sentido realizando esta atividade:

Is - A atividade dos livros foi muito boa porque podemos compartilhar com os colegas o que lemos.

Fe - Quando a profe falou a atividade achei que não iria ser tão legal, depois gostei muito, pois os livros que foram apresentados eram muito bons e eu senti vontade de lê-los, o que é super raro para mim!

Pe - Eu me senti conhecendo melhor os outros e vice-versa.

Compartilhar, conhecer-se melhor, vontade de ler... manifestações de desejos e de ações. Contatos e trocas de afeto e conhecimentos estabeleceram-se. Acredito que foi a atividade que oportunizou isso. Em uma aula baseada na transmissão de informações em que o professor fala e os alunos escutam, educação bancária nos dizeres de Paulo Freire (2005), provavelmente não seria assim.

An - Eu senti os livros e a vontade de ler se libertando de dentro de mim!

Ro - Conhecemos livros novos que fizeram a gente se interessar por ler.

Mp - Foi muito interessante porque além de sabermos de que livro cada um gosta, discutimos onde e como era o lugar, as pessoas e coisas da história que estava sendo contada.

Ju - É uma experiência muito boa: mostrar, discutir e saber sobre livros.

Ed - No relato do livro marcante seu senti um pouco de medo para apresentar, mas quando comecei a contar me senti 'cara'.

Ac - Gostei bastante porque além de eu aprender mais geografia, fez eu conhecer história diferentes e ter vontade de ler mais.

Ca - Eu senti vontade de ler todos os livros. Cada livro e cada modo de contar o livro era diferente e mais interessante.

Ad - Eu achei interessante fazer apresentações sobre os livros, pois além de descobrirmos novos livros, achamos dentro deles a geografia.

Lugares, pessoas, histórias... Os tempos e as ações materializadas no espaço. O quanto desejamos que os alunos percebam e estabeleçam essas relações. “Encontrar a geografia na literatura”, isso também é espaço! Abrir possibilidades para que os alunos possam mostrar e contar, de diferentes maneiras, suas descobertas, ideias e sentimentos, também é geografia.

Ev - Eu gostei muito dos livros contados porque os colegas contaram histórias interessantes e nós podemos conhecer as histórias. Muitas propagandas feitas foram engraçadas.

Br - Fazer o trabalho com o livro marcante foi interessante porque pude ver o que os colegas gostam de ler.

As falas e reações dos alunos manifestam a necessidade e vontade de conhecer e saber do outro, conteúdos não expressos nos programas curriculares das escolas.

Va - Foi muito legal. Me senti realizada ao contar o livro.

As formas de nos comunicarmos com o mundo, pelas quais aprendemos, configuram-se em ambientes de experiência e aprendizagem singulares. Durante as apresentações e relatos dos alunos, senti que estes, em sua maioria, adquiriram conhecimentos e obtiveram vivências únicas. Desenvolveram atitude reflexiva sobre o que leram e estabeleceram relações entre suas ideias.

A atividade proposta abriu possibilidade para que os alunos ampliassem a linguagem, expandissem suas visões de mundo e a compreensão do que lhes acontece. Falando, manifestaram seus pensamentos. Durante os debates, buscamos contextualizar as histórias nos espaços em que aconteciam, percebendo a multiplicidade de olhares que podem estar presentes. Referindo-se à prática da leitura, Sacristán (2007) orienta:

A pessoa leitora não é um produto natural ou espontâneo do desenvolvimento social e humano, mas um ser que deve ser construído, dotando-o das capacidades relacionadas com o domínio da leitura, estimulando os gostos para praticá-la e imprimindo uma orientação à sua personalidade. Tal arquétipo humano constrói-se nas experiências de leitura proporcionadas (SACRISTÁN, 2007, p. 94).

Na escola 1, percebi os alunos muito interessados na prática proposta. É como se para muitos o sentido de ler já fizesse parte do cotidiano: compram, presenteiam livros e vão à biblioteca com frequência, mesmo fora do horário escolar.

Na escola 2, os alunos muitas vezes questionavam se era mesmo necessário que todos participassem da atividade proposta. Para eles, ler era mais uma das atividades da escola e a biblioteca restringia-se ao lugar aonde se vai só quando é preciso. Muitos não têm o hábito de frequentá-la fora do horário escolar e considero fundamental que se criem desafios que estimulem a leitura e mudem esse comportamento.

Muitos dos livros relatados pelos alunos da escola 2 eram de literatura infantil, pois, na opinião deles, eram mais fáceis de serem contados. Desenvolver mais o gosto e o hábito pela leitura passa a ser um desafio nessa escola. Sinais positivos já apareceram: alguns alunos mostrando outros livros que retiraram porque sentiram vontade de ler e outros circulando entre as estantes de livros da biblioteca em momentos vagos, no turno oposto às aulas.

Nas duas escolas a atividade proposta mostrou-se um caminho de múltiplas possibilidades para estabelecer ligações entre a vida e a geografia com a literatura. Com base nessa experiência posso afirmar que o aluno estimulado, lê!

GEOGRAFIAS SÃO CAMINHOS, LIVROS SÃO PASSAGENS

Utilizando a literatura como possibilidade de trabalho em geografia, percebi os alunos como que transcendendo os limites de sua presença no espaço e no tempo. Como se com a narrativa lida pudessem compreender melhor a natureza humana em geral, estabelecendo relações entre as experiências das personagens da ficção, trazendo-as como contraponto às experiências vividas por eles, seus sentimentos de pertencimento ao lugar, seus desafios, suas dificuldades, seus sonhos, seus desejos.

O encantamento que a literatura provoca, nesse entrecruzamento de olhares e sensações com a geografia, pode construir compreensões sobre a complexidade da vida e as práticas sociais, com modos de pensar abertos e livres que contribuem para enfrentar os desafios de nossa época. Assim, tanto a literatura quanto o cinema, cada um a sua maneira, mostram-se como possibilidades para apreender as condutas humanas e são, portanto, nossas aliadas para ensinar geografia!

Nas apresentações que os alunos fizeram sobre os livros marcantes, percebi uma intensa comunicação entre o afetivo e o intelectual. Com as histórias lidas, abrem-se

possibilidades de trabalharmos com a imaginação e a curiosidade, tantas vezes esquecidas na escola em nome do trabalho com a cientificidade. Além das relações que se estabeleceram entre as histórias trazidas pelos livros e as leituras de mundo possíveis, a atividade proposta estimulou a leitura e a exploração da biblioteca, principalmente onde este hábito não estava muito presente no cotidiano dos alunos.

As imagens e os desenhos podem ser utilizados como ferramentas para o ensino da geografia, pois trazem aos alunos a possibilidade de observar, interpretar e criar suas ideias sobre os assuntos trabalhados. E ainda, elas também convidam a imaginar novos espaços.

Conhecer o cotidiano dos alunos e levar em conta suas vivências são condições fundamentais para estimular a aprendizagem. O contexto econômico e social desencadeia oportunidades e vivências diferentes, o que ficou evidenciado em vários momentos da pesquisa.

A prática pedagógica proposta reafirmou a importância do papel do professor enquanto pessoa que estimula, organiza e propõe atividades a fim de buscar aprendizagens. Trazemos para a escola e levamos dela conhecimentos, valores, emoções, posturas e convicções, sentimentos de nós, dos outros e do mundo. Se a escola forma, a nossa docência também o faz. Assim, é que a nossa ação pedagógica pode fazer a diferença.

Também pude constatar que a interação que se estabelece entre o professor, o aluno e as atividades propostas fazem a diferença nos processos de aprendizagem tanto dos docentes como dos discentes. A geografia escolar não é só o que está nos livros e o que o professor fala, ela também está na vida e no cotidiano dos alunos, e por meio dela podemos refletir e compreender melhor a nossa condição humana.

Referências

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et al. (Org.). *Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antônio C.; CALLAI, Helena C.; KAERCHER, Nestor A.. *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papyrus, 1998.

DANTAS, Eugênia Maria. Caminhos de uma geografia complexa. In: DANTAS, Aldo Aloísio; GALEANO, Alex. (Org.). *Geografia ciência do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004. pp. 237-252.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Tradução Vera Lúcia Mello Josceline. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: SCHÄFFER, Neiva Otero. et al. *Ensinar e aprender Geografia*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998. pp. 11-21.

KAERCHER, Nestor André. A geografia crítica – alguns obstáculos e questões a enfrentar no ensino-aprendizagem de geografia. *Boletim gaúcho de geografia*. Porto Alegre: AGB, n. 28, jan./jun. 2002.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmográficas para lerpensar. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. (Org.). *Geografia - práticas pedagógicas para o Ensino Médio*. Porto Alegre: Artmed, 2007. pp. 15-33.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Tradução Flávia Nascimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

REFATTI, Lucimara; REGO, Nelson. Geração de ambiências, relações entre educação e geografia. In: *Pátio Revista Pedagógica*, Porto Alegre, n. 45, p.38-39, fev./abr. 2008.

ROTARY Club de Lajeado – Engenho. *Os jovens poetas de Lajeado*. Rotary Club de Lajeado – Engenho. Lajeado: UNIVATES, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. *A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para a educação*. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SCHÄFFER, Neiva Otero. O ensino e o professor de Geografia numa escola em mudança. In: FILOPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria; SCHÄFFER, Neiva Otero. (Org.). *Teorias e Fazeres na Escola em Mudança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. pp.145-152.

VEGA, Alfredo Pena; STROH, Paula. Viver, compreender, amar: diálogo com Edgar Morin. In: VEGA, Alfredo Pena; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. (Org.). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da Modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

VINCENT, Jean-Didier. As paixões e o humano. In: MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Tradução Flávia Nascimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 180-184.

Recebido em: julho de 2012
Aprovado em: setembro de 2012